

NEOLIBERALISMO, RELAÇÕES SOCIAIS E SOFRIMENTO PSÍQUICO EM *O VERÃO TARDIO*, DE LUIZ RUFFATO

NEOLIBERALISM, SOCIAL RELATIONS AND PSYCHIC SUFFERING IN *O VERÃO TARDIO*, BY LUIZ RUFFATO

Éderson de Oliveira Cabral

Doutor em Processos e Manifestações Culturais pela Universidade Feevale (Novo Hamburgo/Brasil), com período sanduíche na Universidade de Bolonha – UNIBO (Bologna/Itália).

E-mail: edercabral@feevale.br

Ernani Mügge

Doutor em Literatura Brasileira, Portuguesa e Luso-africana pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) (Porto Alegre/Brasil). Professor e pesquisador da Universidade Feevale (Novo Hamburgo/Brasil), atuando no curso de Letras e no PPG em Processos e Manifestações Culturais. Também integra o quadro docente do curso de Letras do Instituto Superior de Educação Ivoti (ISEI) (Ivoti/Brasil).

E-mail: ernani@feevale.br

Roberto Joaquim da Silva Filho

Mestre em Processos e Manifestações Culturais pela Universidade Feevale (Novo Hamburgo/Brasil).

Professor de português e literatura da rede estadual do Rio Grande do Sul.

E-mail: robertojs.filho@gmail.com

Recebido em: 2 de maio de 2024

Aprovado em: 17 de julho de 2024

Sistema de Avaliação: Double Blind Review

RPR | a. 21 | n. 2 | p. 23-43 | jul./dez. 2024

DOI: <https://doi.org/10.25112/rpr.v2.3606>

RESUMO

Este artigo visa compreender, por meio da análise da obra *O Verão Tardio*, de Luiz Ruffato, escritor brasileiro contemporâneo, a conexão das práticas econômicas neoliberais com as relações interpessoais e o sofrimento psíquico das personagens. Para alcançar esse objetivo, realizou-se uma revisão Bibliográfica, a qual contempla a literatura e seu papel na sociedade; a identidade do sujeito pós-moderno; o mal-estar contemporâneo e o neoliberalismo. Após, à luz da teoria, realizou-se uma análise crítico-interpretativa da narrativa ficcional, atentando não somente para o contexto social em que vivem as personagens, mas também para os seus posicionamentos, diálogos e situações vividas, o que evidência a constituição psíquica. Esse estudo se justifica pela necessidade de compreender, por meio da ficção, as possíveis consequências do modelo econômico neoliberal na vida emocional dos atores sociais.

Palavras-chave: Neoliberalismo. Sofrimento psíquico. Literatura.

ABSTRACT

This article aims to understand, through the analysis of the work *O Verão Tardio*, by Luiz Ruffato, the connection of neoliberal economic practices with interpersonal relationships and the psychological suffering of the characters. To achieve the objective, a bibliographic review was carried out, which contemplates literature and its role in society; the identity of the postmodern subject; contemporary malaise and neoliberalism. Afterwards, in the light of theory, a critical-interpretative analysis of the work in question was carried out, paying attention to the social context in which the characters live, their positions, dialogues and situations experienced, highlighting their psychic constitution. This study is justified by the need to understand, through fiction, the possible consequences of the neoliberal economic model on the emotional life of social actors.

Keywords: Neoliberalism. Psychic suffering. Literature.

INTRODUÇÃO

O Verão Tardio (2019), de Luiz Ruffato, apresenta-se como importante artefato cultural para entender a sociedade contemporânea brasileira, particularmente no que diz respeito ao mundo do trabalho. Nessa ordem, na medida em que este está diretamente vinculado ao sistema econômico vigente, a obra torna possível conjecturar sobre os impactos que o neoliberalismo produz no trabalhador.

Ao situar a literatura como uma materialidade que figurativiza questões relativas à vida humana, confirma-se o posicionamento de que o escritor capta e reverbera o que faz parte de seu tempo e o transforma em arte. Para Antonio Candido (2006), o artista é a expressão do coletivo, pois está inserido em um determinado tempo e lugar, que pressupõe certa maneira de se constituir, desde o campo dos valores até o das crenças. Nessa ordem, responde pela sua contemporaneidade quando cria algo, inserindo, em sua produção, valores, convicções, afetos e repulsas do seu tempo. Esse ponto de vista permite uma relação com o que afirma Giorgio Agamben, para quem o escritor “mantém o olhar fixo no seu tempo” (2009, p. 62) e percebe nele sua escuridão a fim de clareá-lo. O “clarear”, nessa perspectiva, refere-se ao papel que pode ser atribuído à literatura: o de lançar luz sobre o contexto. Nesse sentido, é possível pensar a arte como, também, um receptáculo das aspirações sociais.

O Verão Tardio, de Luiz Ruffato, incorpora-se no conjunto de obras que deslindam particularidades da sociedade brasileira, de modo a oportunizar ao leitor uma análise sob a perspectiva das transformações ocorridas na configuração das relações sociais e do sofrimento psíquico em um contexto neoliberal. A narrativa apresenta um narrador personagem, Oséias, que, depois de quase duas décadas vivendo em São Paulo, retorna a sua cidade natal, Cataguases (MG), para rever sua família. Ele sabe que não tem muito tempo de vida, uma vez que sofre de uma doença terminal. O diagnóstico da doença, as diversas atribuições vividas por ele na cidade em que se estabeleceu e as lembranças do passado como um todo, que o leitor descobre gradativamente no decorrer da leitura, o impulsionam à cidade de origem. Esta, o leitor pode intuir, poderia se converter em um refúgio, pois ali estaria cercado por amigos e parentes. Contudo, os pensamentos do protagonista testemunham o contrário:

Sem teto, sem chão... Arrasto os pés pela calçada esburacada. Deu tudo errado, Galego... Deu tudo errado. E por quê? Em que momento as coisas começaram a desandar? Por que atalhos se meteram minhas pernas, sem que eu desse conta? Este desconforto, sempre... E eu tinha alguma expectativa... No entanto, nem essa, pouca, se cumpriu... (Ruffato, 2019, p. 84, 85).

A chegada, entretanto, reserva surpresas, decepções e desencantamentos ao protagonista, que se depara com um lugar estranho ao de sua memória.

DA CONDIÇÃO PSÍQUICA OU DA ANGÚSTIA DE OSÉIAS

Um acontecimento de ordem pessoal – a separação da mulher – causa uma reviravolta na vida de Oséias. Ele entra em um estágio de crise emocional que o leva, inclusive, tempos depois, a perder o emprego, ainda que tenha sido um funcionário dedicado e honesto:

Após a separação, perdi o gosto pelo trabalho. A matriz me chamou, alertou, considerou, relevou, até que dois anos atrás me despediu. Tentaram fazer parecer que não era uma demissão, mas um [...] desligamento [...] honroso [...] (Ruffato, 2019, p. 81).

O desligamento lhe garantiu, além de “um cheque equivalente a quatro retiradas” (Ruffato, 2019, p. 81), acesso ao Fundo de Garantia: ainda tinha direito a uma pequena soma em dinheiro, pois já utilizara a maior parte na reforma do apartamento. Estava, portanto, em situação financeira precária, o que inevitavelmente o levou à procura de novo emprego: “[...] gastei dois pares de sapatos porta em porta procurando serviço, mas quem emprega as manias de um homem amargo e rezinguento?” (Ruffato, 2019, p. 81). O insucesso da busca por uma nova colocação no mercado de trabalho se entrelaça ao que se pretende investigar neste trabalho: as relações interpessoais e o sofrimento psíquico das personagens, que advêm da relação entre trabalho e ator social.

Antes de entrar na análise do texto, faz-se necessário atentar para o que afirma o psicanalista brasileiro Nelson da Silva Junior (2020a): em meados da década de 1970, o Brasil vai de um projeto político-econômico de um Estado nacional-desenvolvimentista (Era Vargas) para um Estado neoliberal, que se consolida principalmente no governo de Fernando Henrique Cardoso. A lógica do mercado de trabalho, portanto, segundo o teórico, passa de um contexto que visa “[...] a empregabilidade de mão de obra economicamente ativa” (Silva Junior, 2020a, p. 265) para um projeto que vê o desemprego, os baixos salários e todas as formas de precarização do trabalho – como o ideal para manter a oferta de mão de obra barata. Silva Júnior (2020a) também aponta que não se almeja mais, neste novo modelo, a empregabilidade total, senão a manutenção de um índice ótimo de desemprego, aumentando, conseqüentemente, a oferta de mão de obra, com a finalidade de manter os salários o mais baixo possível.

Na obra ficcional em questão, percebe-se o desemprego como uma das principais causas de sofrimento psíquico que acomete o personagem Oséias. A idade avançada, segundo ele próprio, foi decisiva para que ele não conseguisse um novo emprego, sem levar em consideração o estado delicado de saúde mental e física em que se encontrava.

Oséias, como se pode perceber na narrativa, torna-se “descartável” para o mercado de trabalho, passando a integrar uma parcela de mão de obra que cresce a cada dia, fomentando a massa que toma vulto ao redor dos trabalhadores em atividade. Estar à margem do emprego, segundo Byung-Chul Han

(2017), traz, ao ser humano, consequências sociais e psíquicas significativas. Han (2017) critica o modelo, afirmando que, dentro dele, ocorre a promoção de uma mentalidade do “empreendedorismo de si mesmo”, na qual os indivíduos são incentivados a se autogerenciar, a buscar, eles próprios, oportunidades de trabalho, e a serem responsáveis por sua própria empregabilidade.

O filósofo entende que a pressão extrema sobre os indivíduos gera um quadro de ansiedade e insegurança. O modelo econômico, em seu entender, forja uma sociedade a qual valoriza o trabalho como fonte primária de identidade e validação e pode levar a sentimentos de exclusão, inutilidade e fracasso pessoal, afetando a identidade e a autoestima dos trabalhadores. Algo similar ocorre com Oséias, personagem central de *O verão tardio*. Diante da perda do emprego e da impossibilidade de se inserir novamente no mercado de trabalho, encontra o retorno à cidade natal como alternativa. Após uma semana de busca frustrada por referenciais, sucumbe diante da vida. A falta de trabalho remunerado, pois, é passível de gerar senso de desvalorização e perda de propósito na vida.

Outro ponto a destacar é que, para Han (2017), o desemprego, em uma sociedade neoliberal, está ligado à noção de “excesso de trabalho” e ao culto à produtividade. Ele observa que, embora muitas pessoas estejam desempregadas, há um aumento da carga de trabalho para aqueles que estão empregados, o que inevitavelmente os leva ao esgotamento e ao estresse. Por todas as circunstâncias que envolvem o desemprego, Han (2017) o considera um fenômeno complexo, que vai muito além de questões econômicas, afetando a saúde mental, a identidade e a coesão social. Há, portanto, a necessidade de uma abordagem mais ampla e humana para enfrentá-lo, que leve em consideração não apenas a geração de empregos, mas também o bem-estar e a dignidade dos indivíduos na sociedade. Ao cotejar o posicionamento com a obra em análise, é possível vislumbrar em Oséias o que Han diz: seus dramas e traumas pessoais e sua trajetória de vida denunciam a fragilidade que o personagem está exposto. O texto ficcional pode, nessa ordem, ser considerado uma representação dos efeitos desse sistema no cenário laboral brasileiro.

CONEXÕES FRAGMENTADAS: AS RELAÇÕES PESSOAIS NO NEOLIBERALISMO

A obra de Ruffato está dividida em seis capítulos. Cada uma das partes trata de um dia em que Oséias permaneceu na cidade: de terça, 3 de março, a domingo, 8 de março. Após desembarcar em Cataguases, ele visita sua irmã Rosana, casada com Ricardo, mais conhecido como “Ricardo Ponta-Firme”, de quem muitos, incluindo o próprio protagonista, suspeitam de que vive de agiotagem, uma atividade ilícita.

Rosana é diretora de escola e tem uma vida muito confortável. Possui uma Duster¹, faz viagens a Nova Iorque uma vez ao ano e, apesar de estar próxima de completar 60 anos, possui um corpo com contornos bem definidos. Gosta de se fotografar e publicar as fotos em suas redes sociais. Ela demonstra dar pouca importância às atividades do marido, já que ele sustenta seus desejos e vontades. O casamento com ele ocorreu, conforme ela mesma declara ao irmão, sem motivação afetiva:

Amor [...] o que é o amor? Um vínculo afetivo que vai se desfazendo ao longo dos anos [...] Eu fui pragmática, casei sem vínculo afetivo. Portanto, não houve desgaste. A tendência, com o tempo, é a gente acabar apenas tolerando o outro. Como apenas tolero o Ricardo desde sempre, não passei por todas aquelas fases, decepção, reconciliação, frustração, reconciliação, depressão, acomodação etc. Fui direto ao ponto (Ruffato, 2019, p. 86).

O excerto permite ao leitor intuir que o matrimônio foi puramente por interesse financeiro. Rosana não demonstra nenhum tipo de sofrimento explícito com sua condição de vida, muito pelo contrário, mostra-se feliz e realizada. O poder de consumo a coloca em um padrão de vida que permite manter a aparência jovem e a acompanhar as amigas em viagens internacionais. Nesse ponto, convém recorrer a Zygmunt Bauman (1998), filósofo polonês, para quem a sociedade pós-moderna criou um tipo ideal de pureza ou, em outras palavras, de vida, ligado ao poder de consumo. Aqueles que não se enquadram nesse padrão ideal são considerados os “estranhos à ordem”, ou “consumidores-falhos” (Bauman, 1998, p. 25). Rosana está, claramente, inserida no tipo ideal, que participa ativamente do jogo do consumo, sendo a maior expressão do indivíduo consumista, ao contrário de seu irmão Oséias.

A maneira de encarar a vida da professora a leva a se sentir desconfortável com a presença do irmão em sua casa, ainda que não o tivesse visto há muito tempo. Essa sensação se realça por saber da antipatia de Oséias por Ricardo. Assim, ela chega, inclusive, a questioná-lo sobre a data em que irá embora da casa, sob a alegação de que não poderia ficar hospedado lá.

Nesse sentido, é possível concluir que, para Rosana, a família tem pouca importância: além de ter casado por interesse, não demonstra afeto por seu irmão. Em relação a isso, pode-se evocar a Stuart Hall (2015), que adverte: os núcleos formadores das identidades dos sujeitos, como a família e a religião, perderam força no mundo globalizado. As identidades globais, propagadas em um processo de ocidentalização de valores pelas principais potências econômicas do mundo, sobrepuseram-se às identidades nacionais e regionais, o que causou um declínio das bases da identidade do sujeito.

¹ Carro, na época, considerado como objeto de consumo da classe média alta.

No mundo pós-moderno, a identidade é pautada, basicamente, pelo mercado, na sua livre atuação global sobre as diversas culturas dos países. Percebe-se, portanto, falta de laços afetivos no núcleo familiar. Na obra em análise, isso se evidencia pelo casamento, por interesse, de Rosana, e pelo incômodo que sente com a presença de seu irmão na casa.

Karl Marx e Friedrich Engels (2011) já escreveram a respeito dos efeitos da modernidade sobre as relações entre as pessoas:

O revolucionamento permanente da produção, o abalo contínuo de todas as categorias sociais, a insegurança e a agitação sempiternas distinguem a época burguesa de todas as precedentes. Todas as relações imutáveis e esclerosadas, com seu cortejo de representações e de concepções vetustas e veneráveis dissolvem-se; as recém-constituídas corrompem-se antes de tomarem consistência. Tudo o que era estável e sólido desmancha no ar; (Marx; Engels, 2011, p. 28-29).

A modernidade, para os teóricos, é fruto da sociedade capitalista e a crítica faz referência ao que esse novo tempo trouxe para as relações familiares. Todas as relações que serviam de base para o indivíduo e para a sociedade “dissolvem-se”. Bauman reflete sobre isso:

Os projetos de vida individuais não encontram nenhum terreno estável em que acomodem uma âncora, e os esforços de constituição da identidade individual não podem retificar as consequências do “desencaixe”, deter o eu flutuante e à deriva (1998, p. 32).

Os teóricos citados coincidem, em certo sentido, no posicionamento sobre a dissolução do que constituía a base da identidade do indivíduo e das relações pessoais e sociais. No caso de Marx e Engels (2011), no contexto do capitalismo e da modernidade; pois o capitalismo não é apenas um sistema econômico *per se*; mas também se configura como uma força difusa que molda as identidades e relações. Em outras palavras; o capitalismo tem o poder para mercantilizar tudo, incluindo o próprio sentido de identidade, a qual interage como um produto, fruto das escolhas oferecidas por esse sistema. Por sua vez, em Bauman (1998), no cenário da modernidade líquida, há busca incessante do capitalismo pelo lucro e pela eficiência tem implicações profundas sobre as identidades e sobre as relações. O capitalismo não somente mercantiliza ambas, como também as torna líquidas, fluídas, sem vínculos estruturados, em uma trajetória na qual possam ser positivas dentro da moldura do vendável, aceitável ou consumível. Sob esse sistema, a maioria das pessoas está em uma auto-invenção continuada, o que é a marca, por assim dizer, registrada do capitalismo. Em Hall (2015), na conjuntura da sociedade contemporânea e das dinâmicas culturais da pós-modernidade; pode-se apontar nas relações e nas identidades uma

atuação ativa, pois cada pessoa apresenta a classe, a etnia, o gênero, a religião, isto é, pilares de um nicho, pretensamente positiva e interativa com os outros e com o próprio sistema, já que se pode tanto ser resultado de um constructo – o qual observa e interioriza narrativas e imagens – em exibição como o público consumidor. Por fim, em Han (2017), na circunscrição dos efeitos da exaustão e perda de perspectiva de vida, o capitalismo contemporâneo é caracterizado por um sentimento de auto-exploração e cansaço e os cidadãos vivem em uma sociedade onde estão sob constante pressão para alcançar algo, seja lá o que for; para se destacar, seja onde estiver; para serem produtivos, sem que haja algum obstáculo – até que se deparem com o cansaço. Assim, há um impulso também contínuo com o intuito de se obter o êxito e ser produtivo e proativo, o que está no cerne do quadro neoliberal do capitalismo.

Com a apresentação sucinta desses teóricos, mostra-se um fio condutor: a profunda influência do capitalismo tanto na questão de identidade quanto nas próprias relações sociais, visto que as identidades não são intrínsecas, senão construídas, mercantilizadas e em constante mudança. Por fim, a ansiedade e a depressão; a ilusão e o desempenho, a pressão e o cansaço, são estados quase que inerentes ao sujeito que pretende alcançar o sucesso e são correntes subjacentes nas obras desses pensadores.

ENTRE O INDIVIDUALISMO E O AFETO: RELAÇÕES FAMILIARES NO MICROCOSMO NEOLIBERAL

Os conceitos de cada um dos teóricos supracitados, ainda que apresentem consonâncias, têm, também, particularidades que os diferenciam. Não é o objetivo deste artigo dissertar sobre isso, mas mostrar que há um denominador comum entre eles. Há, na produção deles, o entendimento de que ocorreram mudanças no contexto social, e todos, a seu modo, mostram o desencaixe identitário das sociedades ou a transformação dos sujeitos e das relações pessoais a partir do surgimento da burguesia até a sociedade neoliberal. Isso fica claro no trecho de *O Verão Tardio* discutido anteriormente. Nele, é possível vislumbrar como as relações interpessoais se corroeram, fenômeno que converge para o que os teóricos ressaltam. Outro termo que toma vulto no contexto neoliberal é o “fracasso”, que acaba interferindo no modo como os sujeitos se percebem e influencia a maneira com que se estabelecem as relações sociais.

Oséias, após saber da motivação que levou Rosana a casar com Ricardo, durante uma conversa em que falavam de Isabela, irmã deles, externa, de maneira desconfortável, seu sentimento de fracasso em relação à vida:

[...] “Eu tenho pena da Isinha”, suspiro, e então Rosana enfeza. “Pena?! Ela que escolheu aquela vida, ninguém obrigou ela a casar com o marido que tem! Ele é um bosta... um

fracassado [...]". Fracassado era o termo que a Marília usava para me definir. "Também sou um fracassado, Rosana", falo, melindrado. Ela titubeia, mas prossegue. "Você não é um fracassado, Zézo. Você foi embora, lutou pra ter as coisas [...]". "Mas não cheguei a lugar nenhum [...]". Nessa altura da vida não tenho nada, nem casa, nem família, nem amigos [...] (Ruffato, 2019, p. 90).

Percebe-se, no excerto, que Oséias, a partir do ponto de vista da irmã, acredita ser um fracassado; atribuição dada anteriormente a Oséias por sua ex-esposa. As duas personagens mulheres podem ser tomadas como representantes de uma sociedade que avalia o sujeito a partir de uma perspectiva de sucesso, influenciada pelo capital econômico. Aqui, torna-se possível recorrer às questões pontuadas por Hall (2015), Bauman (1998) e Han (2017) quando tratam de um mundo pós-moderno globalizado, ou, especialmente, ao segundo, o qual aponta que, na pós-modernidade, considera-se um "sujeito puro" somente aquele que pode participar do jogo do consumo. Oséias é a manifestação da impureza e da desestabilização identitária do mundo pós-moderno: a visão de fracasso, lançada sobre ele – o qual ele assimila –, deriva do fato de não estar inserido no espetáculo do consumo. O sentimento se fortalece quando vê amigos e irmãos alinhados às exigências de consumo da contemporaneidade.

O fato de Oséias não ter mais sua família, de não possuir uma casa – morava, após a separação, em um quarto de pensão em São Paulo –, nem amigos, contribuiu para o seu sentimento de fracasso. Dentro do paradigma neoliberal, o fracasso é visto como uma falha pessoal, uma perda de valor e uma fonte de vergonha (Han, 2017). O ser-estar no mundo contemporâneo, nesse contexto, reveste-se de negatividade. A alegria, o viver se aliam ao ter (consumo), não mais ao ser (experiência positiva de estar na vida).

CORPOS OU VIDAS PADRONIZADOS: A FORÇA E A PRESSÃO ESTÉTICA DO NEOLIBERALISMO

A relação do neoliberalismo com estereótipos e comportamentos sociais é outro tópico passível de ser analisado na obra. Tamires, filha de Rosana, sobrinha de Oséias, é uma jovem que demonstra grande incômodo com seu sobrepeso e com a dificuldade em se relacionar com pessoas. A pressão que sente, advinda do meio social, por não se enquadrar no estereótipo esperado é tamanha, que a leva a tomar uma decisão inusitada: ir uma vez por semana, sozinha, a um motel, para fazer sua família acreditar que tem um namorado. Diante da pressão da mãe, que a queria médica ou advogada, ela tomou posição defensiva, optando por ser comerciante, profissão que a genitora não considera à altura da família. Tanto a primeira quanto a segunda pressão que Tamires sofre evidencia o quanto a sociedade pós-moderna tenta

influenciar o comportamento das pessoas, tentando adequá-las a determinadas convenções sociais. O posicionamento de Rosana, por sua vez, pode ser analisado à luz de Silva Junior (2020b). Consumista voraz, ela ostenta uma personalidade alinhada aos padrões de uma sociedade pautada pelo mercado:

Não apenas ideais estéticos e sensoriais podem se tornar meio da indústria da produção de consumo de roupas, hábitos de higiene ou produtos alimentares. Pode-se também produzir identidades, prazeres, valores morais e mesmo formas de adoração religiosa, ou seja, qualquer processo psíquico pode tornar-se uma ferramenta eficaz da produção de consumo (Silva Junior, 2020b, p. 43).

O excerto sublinha que, muito além da produção de padrões e valores estéticos, o neoliberalismo cria identidades afinadas aos valores do mercado de consumo. Nessa ordem, e já ampliando o escopo de análise, Giorgio Agamben (2009) faz uma releitura dos dispositivos de controle foucaultianos presentes na atualidade e afirma que as sociedades contemporâneas não se valem mais da dessubjetivação para uma nova subjetivação da identidade do sujeito, ou seja, na criação de novos valores de identidade para a substituição de valores antigos, mas simplesmente dessubjetivam o sujeito sem nada deixar no lugar. O sujeito dessubjetivado, entretanto, abre espaço para a atuação do neoliberalismo, por meio da criação de valores de consumo, o que leva o sujeito, no caso analisado, Tamires, a um estado de insatisfação e sofrimento. Tamires demonstra alinhamento aos padrões estéticos e de consumo, pois se mostra incomodada com seu corpo, porém se configura como uma “consumidora falha”, aquela que se nega a participar plenamente do jogo (e do fato de ser consumível ou desejável, seguindo os padrões estéticos dominantes) e, por isso, sofre.

No entanto, pelo seu próprio poder de decisão ou por uma tomada de decisão desviante, tem possibilidade de entrar no jogo do consumo e passar a consumir. Portanto, entende-se que a atitude dela tem base de valor criada e incorporada pela personagem, por estar inserida em um contexto social que preconiza um padrão estético, que a faz ter uma atitude desesperada, como ir a um motel sozinha para fingir que tem um relacionamento.

Os dispositivos de controle, nesse sentido, agem de maneira a interpelar o sujeito na sua subjetividade, tentando torná-lo dependente da busca incessante por uma vida de consumo. O sujeito interpelado subjetivamente pelos diversos dispositivos de controle não encontra fixidez para sua identidade, abrindo caminho para a dependência da busca pela obtenção de status social por meio do consumo. Nesse contexto, o neoliberalismo é o agente condutor das desrupturas das identidades, dos dispositivos de controle, da criação de valores morais e estéticos e de consumo. Além disso, mostra a ação sobre as

subjetividades psíquicas dos sujeitos, impelindo-os ao jogo do consumo e causando diversos tipos de sofrimento psíquico.

NEOLIBERALISMO: DESIGUALDADE E POBREZA

Isabela, ou Isinha, como o irmão Oséias costuma se referir a ela, é a mais pobre dos irmãos. Para sobreviver (e sustentar a casa), faz arremates em peças de vestuário, o que lhe garante uma pequena renda para comprar algumas calças novas da empresa, a preço de custo, nas quais fixa etiquetas de grife, para serem vendidas pelo marido a “uns conhecidos” no centro da cidade. Um dos seus três filhos de Isinha, Diego, vive da compra e venda de carros usados. Diego tem três filhos com três mulheres diferentes, sendo que dois deles moram com a avó paterna, isto é, com Isinha. Além dos dois netos, do marido, homem violento e alcoólatra, e de seu filho, mora também, na mesma residência, uma casa alugada em um bairro pobre de Cataguases, seu outro filho, Daniel, ainda adolescente.

Assim, Isabela², ou Isinha, é obrigada a suportar sua rotina pesada. No trecho abaixo, um recorte da conversa que teve com o irmão Oséias, fica claro o que ela pensa sobre a questão:

Por isso não separo, Zêzo. A gente não tem nada, mas junta o pouquinho que eu ganho mais o pouquinho que o Wellington consegue [...] Se eu largasse ele, que até merecia, tenho até pena, como que ele ia ficar? Não tem nem onde cair morto [...] Ele é brigado com a família, você sabe, que continua toda morando em Leopoldina [...] E ele detesta Leopoldina. Ia virar indigente. Ruim com ele, pior sem ele [...] (Ruffato, 2019, p. 169).

Logo, ela mantém seu casamento para não piorar uma situação que já é difícil. A condição de trabalho dela não lhe garantiria assistência social, pois trabalha na informalidade. Aqui é preciso fazer um parêntese para recorrer a Rafael Valim (2017), que analisa e comenta o cenário das políticas sociais e trabalhistas brasileiras após o *impeachment*³ da ex-presidenta Dilma Roussef, assinado pelo Deputado Eduardo Cunha em 2015:

² O nome Isabela é significativo na obra, uma vez que sua etimologia corresponde a “Deus é abundância”. Assim, trata de uma ironia, já que a personagem vive uma vida simples e sem luxos. Além disso, a semelhança sonora entre Isabela e “Isla bella” é significativo, pois a personagem está isolada dos demais irmãos. O “bello”, que pode ser destacado, vem da seguinte situação ficcional: a personagem que menos tem recursos é a que mais demonstra afeto e atenção, configurando um gesto “bello” e nobre, de uma pessoa “bella” pelo seu interior e pela dimensão humana demonstrada, tal como a gentileza e empatia. No entanto, também é Isla, porque seu status social está isolado do jogo de consumo.

³ O processo de *impeachment*, porém, envolveu um longo e complexo processo político, com votações tanto na Câmara dos Deputados quanto no Senado Federal. O Senado Federal conduziu o julgamento final em agosto de 2016, o que resultou na remoção de Dilma Rousseff da presidência.

[...] por meio de Emenda Constitucional (Emenda Constitucional n. 95/2016), de um programa de austeridade seletivo, com duração de vinte anos, em que se sacrificam as despesas sociais e se preservam as despesas com o setor financeiro; a alteração da Lei n. 13.365/2016, para o fim de extinguir a exclusividade da Petrobrás como operadora do Pré-sal; a formulação de propostas de reforma da previdência Social e da legislação trabalhista que, se aprovadas, resultarão em escandalosos retrocessos sociais; a proposta de facilitação de venda de terras a estrangeiros, com sérios riscos à soberania social (Valim, 2017, p. 49).

Assinale-se que todas as reformas citadas pelo autor foram aprovadas. Os efeitos das retiradas de direitos e garantias do cidadão brasileiro (principalmente aqueles que estão na classe trabalhadora ou a que a tangenciam) podem ser observadas na condição de Isinha, que exerce um trabalho informal e, por isso, precisa ter mais de um trabalho para ter uma renda minimamente aceitável.

A lógica do desemprego presente no modelo neoliberal, portanto, manifesta-se tanto na vida de Oséias quanto na de Isabela. Eles não possuem garantias, ao contrário do que ocorria no passado, quando o estado de bem-estar era garantido:

Isso era verdade – ou poderia ser – na época em que a indústria proporcionava trabalho, subsistência e segurança à maioria da população. O estado de bem-estar tinha de arcar com os custos marginais da corrida do capital pelo lucro, e tornar a mão-de-obra deixada para trás novamente empregável – um esforço que o próprio capital não empreenderia ou não poderia empreender. Hoje, com um crescente setor da população que provavelmente nunca reingressará na produção e que, portanto, não apresenta interesse presente ou futuro para os que dirigem a economia, a “margem” já não é marginal e o colapso das vantagens do capital ainda o faz parecer menos marginal – maior, mais inconveniente e embaraçoso – do que o é. A nova perspectiva se expressa na frase da moda: “Estado de bem-estar? Já não podemos custeá-lo” [...] (Bauman, 1998, p. 51).

Constata-se, de maneira geral, que a ação do neoliberalismo é estrutural, parte de mudanças de leis e garantias promovidos pelos governos, os quais se valem de variados tipos de dispositivos de controle para a propagação de valores de consumo de toda natureza. Tudo isso, para, enfim, atingir a subjetividade psíquica do sujeito, moldando sua identidade, retirando-lhe a autonomia e lhe inculcando valores de seu interesse.

TRIVIALIDADE ACENTUADA: O NEOLIBERALISMO E O EFEITO BANALIZADOR

João Lúcio, irmão de Oséias, aparece, na narrativa, como um sujeito introvertido. Ele se mudou muito jovem de Cataguases para Rodeiro – MG, indo morar na casa de seu tio, Ítalo, proprietário de uma serraria. Com o falecimento do parente, herdou o empreendimento que, mais tarde, transformou-se em uma grande empresa de móveis, graças a ajuda financeira de seu sogro. Desde cedo, João Lúcio reprovava certas atitudes de seu pai, tanto a anuência do namoro de Rosana e Ricardo como a aquisição de uma arma de fogo, com a qual Lígia, uma das irmãs, viria a se matar.

João Lúcio tinha, portanto, uma relação conflituosa com o progenitor, pelo qual nutria, inclusive, um sentimento de desprezo, o que pode ser percebido no seguinte trecho:

No dia que a mãe anunciou que o pai já não morava com ela, o João Lúcio veio de Rodeiro, disse, Se depender de mim, ele morre à mingua, e repetiu a frase a cada um de nós. Recusou a ajudar, mesmo sabendo da doença, mesmo sabendo que o vencimento da aposentadoria mal dava para comprar remédios, mesmo sabendo que ele vivia num barraco cheio de ratos e de goteiras. Obstinado não apareceu no velório nem na missa de corpo presente nem no enterro nem (Ruffato, 2019, p. 176).

O leitor percebe, no texto, que a instituição familiar, tanto para João Lúcio quanto para Rosana, não tem valor. Eles não chegaram a estabelecer contatos duradouros com os demais familiares. Seguiram uma vida independente, enredados por uma vida pautada no consumo, que não confere nenhuma realização pessoal efetiva de uma felicidade plena. Pelo contrário, possuem uma questão mal resolvida e alimentam um ódio velado entre si. Marx, a esse respeito, escreveu que a “burguesia rasgou o véu de emoção e de sentimentalidade das relações familiares e reduziu-as a mera relação monetária” (2011, p. 28).

A fragilidade das relações sociais se constitui no embrião do mal-estar social, que se agrava na medida em que o sujeito se adequa a padrões pré-estabelecidos, que moldam seu psíquico e o tornam apto a seguir uma ideia de vida que destrói a possibilidade de contato mais estreito com o semelhante. Tal sujeito, nessa condição, pode ser visto como alguém que foi afetado pelo jogo neoliberal e político de controle social da subjetividade, o qual destruiu suas bases identitárias e a capacidade de pensar criticamente. Esse jogo cria um sujeito dependente do consumo, cada vez menos amparado pelo estado de bem-estar social. Nesse ínterim, a fragmentação da identidade do sujeito pós-moderno (Hall, 2015) e a dessubjetivação (Agamben, 2009) acontecem juntamente com a desregulamentação do Estado, que busca ampliar a atuação do neoliberalismo e o apaziguamento dos ânimos sociais, com um discurso cada vez mais voltado para a individualidade, de propagação de valores de consumo, fazendo com que

o sujeito assumia responsabilidades que outrora eram da alçada do bem-estar social. Vladimir Safatle (2020) escreve a esse respeito:

[...] o neoliberalismo é um modo de intervenção social profunda nas dimensões produtoras de conflito. Pois, para que a liberdade como empreendedorismo e livre-iniciativa pudesse reinar, o Estado deveria intervir para despolitizar a sociedade, única maneira de impedir que a política intervisse na autonomia necessária de ação da economia. Ele deveria bloquear principalmente um tipo específico de conflito, a saber, aquele que coloca em questão a gramática de regulação da vida social. Isso significa, concretamente, retirar toda pressão de instâncias, associações, instituições e sindicatos que visassem questionar tal noção de liberdade a partir da consciência da natureza fundadora da luta de classe (Safatle, 2020, p. 25).

Percebemos, portanto, que o neoliberalismo age para além do âmbito econômico, pois infiltra-se nas diversas instâncias da vida social do indivíduo, fazendo com que as ações deste estejam sempre vinculadas à lógica de mercado. Nessa ordem, tudo aquilo que não favorece o mercado precisa ser eliminado ou desestabilizado (ou privatizado). As políticas neoliberais adentram fronteiras de países, modificam culturas e identidades, desestabilizam as relações pessoais e adaptam as instituições políticas a seus interesses.

No romance, *Oséias*, no quinto dia em sua cidade natal, vai à casa de seu irmão João Lúcio, último local de visita antes de ingerir os 50 comprimidos de morfina. Seu irmão não o trata com muito entusiasmo ao vê-lo, tal como fizera Rosana. O visitante se impressiona com o patrimônio do irmão, o que acentua ainda mais seu sentimento de fracasso. Os irmãos pouco interagem: ocorre uma conversa trivial e se instala um silêncio intimidador e inquietante, como se fossem dois desconhecidos.

O FRACASSO INEVITÁVEL: UM DOS IMPACTOS DO NEOLIBERALISMO

Outra situação que aumentou o sofrimento de Oséias foi rever seus amigos e conhecidos de infância. Quando criança, ele costumava ir à casa de Marcim Fonseca, prefeito da cidade. Marcim teve uma infância muito humilde, sua família toda era composta por tecelões. Quando Oséias vai até a prefeitura para reencontrar aquele que ainda considera seu amigo, depara-se com obstáculos. No momento que consegue se aproximar de Marcim, não recebe muita atenção: o prefeito se atém a conversas paralelas e logo vai embora, sob a alegação de que vários compromissos o aguardam.

A posição social de Marcim na cidade e a de outro amigo de infância de Oséias, Graciano Barbosa, um rapaz “encrenqueiro” (Ruffato, 2019, p. 27) que concluiu os estudos colando em provas, mas se tornou

engenheiro civil, mostra que ambos possuem, pelo menos aparentemente, uma vida estável e bem-sucedida.

Um episódio pregresso, que envolveu a ex-namorada de Oséias, Marilda, já repercutiu negativamente nele. Aos 18 anos de idade, ela passou em um concurso para o Banco do Brasil, no Acre. Em sua festa de despedida, ela perguntou ao então namorado: “E você, Peninha?” (Ruffato, 2019, p. 69), como a interrogá-lo a respeito de seu futuro. O episódio levou Oséias, já na época, a se deparar com sua condição estagnada e de falta de perspectiva em relação à vida. Além da trajetória dos amigos, o tratamento desigual que o pai conferia aos filhos também influenciou a personalidade do protagonista, instalando, nele, um sentimento de incapacidade e fracasso:

O pai nunca prestou atenção em mim. Embora vivesse às turras com o João Lúcio e com a Rosana, respeitava eles – São opiniúdos, dizia, e cabeçudos, mas têm fibra! Ele me achava tímido, acovardado, e o mundo é dos atrevidos, dos audaciosos, Um homem tem que ser atirado, os fracos fracassam, ele sentenciava. E o emblema do fracasso me grudou na pele. Fracassei como filho, fracassei como marido, fracassei como pai [...] Fracassei como irmão [...] como membro de uma família [...] Talvez a raiva do pai fosse porque, de todos, eu era o mais parecido com ele, de rosto, de corpo, de jeito, e ele sonhasse para mim voos altos, quem sabe até um retrato com beca para pendurar na parede da sala, por que não? (Ruffato, 2019, p. 204).

Outro fator que contribuiu com o sofrimento de Oséias foi a traição da esposa, Marília, por um período de cinco anos. Ela justifica, da seguinte maneira, a atitude:

Um palerma, ela disse, com desprezo, Mas a culpa é tua, acusou, transparecendo o sotaque que sobressaía quando nervosa, cheio de erres fracos e es fortes. Você me deixava sozinha a semana inteira, quando voltava, só reclamação, Estou cansado, Prefiro ficar em casa. E sempre amargurado, infeliz, nada para você estava bom. Uma pessoa não sobrevive assim, na escuridão, precisa de luz, alegria, divertimento. No começo, me consumia, o remorso, a carolice, então me desdobra pra agradar, até pierogi, que você gosta tanto, fazia, mas pouco a pouco a tua apatia me irritou, e passei a te cornear de raiva, de vingança por ter casado com um homem tão, tão estúpido, que não percebia nada à sua volta (Ruffato, 2019, p. 77).

Após o término do casamento, Oséias perdeu o gosto pela vida, não trabalhava mais com o mesmo empenho e entusiasmo, até ser demitido. Percebe-se, assim, que Oséias buscava uma vida diferente, mas diversos fatores contribuíram para seu declínio emocional, levando-o à estagnação. Além de todos esses episódios já apontados, é possível apontar outro, ocorrido na infância, que também afetou o personagem. Este envolve seu professor, Carvalho de Sá:

Autoritário, terno escuro, gravatas de cores sóbrias, humilhava os alunos pobres, chamando-os de burros, ignorantes, mentecaptos, mostrando, no entanto, condescendência com os filhos dos ricos, mesmo os mais estúpidos (Ruffato, 2019, p. 25).

Para se proteger das ofensas, dos julgamentos, das humilhações do mestre, ou seja, para corresponder às expectativas morais dele, Oséias encontra a alternativa de desempenhar o papel de bom menino. Assim, ainda que fosse de origem humilde, recebia sua admiração pelo “[...] esforço e dedicação – não inteligência, para ele um atributo reservado aos que tinham berço (Ruffato, 2019, p. 25, grifo nosso). A atitude, entretanto, tem consequências futuras. Na percepção do próprio Oséias: “Com o tempo, essa espécie de tédio me transformou em personagem de mim mesmo, afeito a concordar sempre, a sempre dissimular minhas opiniões ou sentimentos, isolando-me mais e mais” (Ruffato, 2019, p. 26).

Oséias não conseguia ser como seus irmãos ou amigos. A tentativa de suicídio, após uma semana em Cataguases, tomando 50 comprimidos de uma vez, é o ápice do desespero emocional vivido pelo personagem, que passara toda sua vida sendo, de alguma forma, ofendido, desprezado, inferiorizado. Oséias é o sujeito descartado pelo Estado pós-moderno, sem emprego, desamparado pelas instituições públicas, cada vez mais privatizado e voltado para o mercado, pela diminuição de leis e garantias ao trabalhador, consumido pela ideia de fracasso, pelo vazio existencial e pela solidão. Isso se justifica pelo discurso neoliberal incessante de consumismo, inerentes às sociedades pós-modernas, que dispõem de dispositivos de controle que permeiam os espaços da vida dos sujeitos, controlando-o e afetando sua subjetividade para obter o controle de suas escolhas e vontades. Oséias representa o sujeito atingido por diversos mecanismos implícitos a sua constituição e que fazem dele uma espécie de fantoche, deprimido pelo fato de não ter tido o sucesso que conhecidos aparentemente tiveram. Valim (2017), nesse aspecto, tece um comentário que serve para elucidar a situação do protagonista da obra:

Este quadro está inserido no que podemos chamar de racionalidade neoliberal, que alguns querem apresentar como uma consequência inelutável da globalização, mas que, em rigor, valendo-nos da terminologia foucaultiana, traduz um dispositivo de natureza estratégica que propugna uma sociedade individualista, altamente competitiva, cujas pulsões são falsamente satisfeitas através do consumo e cujos juízos são construídos em um ambiente marcado pela espetacularização. Trata-se de um eterno presente que sacraliza o êxito individual e condena o fracasso, tendo como pano de fundo o embuste da “meritocracia” em sociedades profundamente desiguais (Valim, 2017, p. 32).

Em outras palavras, exibindo o quadro geral do que vem sendo defendido aqui, o neoliberalismo cria as condições de atuação, prepara o campo para o jogo, e ele próprio cria as regras. Apela sempre ao livre-

mercado e ao Estado mínimo para ter carta branca para sua livre atuação, que incute padrões de vida e desejos restritos à maioria da população.

O sujeito que se vê fora do jogo, como Oséias, deseja participar dele, mas as condições de vida não permitem a entrada no campo, o que acaba gerando sentimento de fracasso e sofrimento. De certa forma, todos sofrem, os participantes e os não-participantes, pois quem está inserido no sistema carrega o sentimento e a vontade incessante de ter e consumir cada vez mais, como uma forma de suprir a falta interna de coesão psíquica, de valores e de inteireza. Sobre isso, Bauman afirma o seguinte:

Quanto mais elevada a “procura do consumidor” (isto é, quanto mais eficaz a sedução do mercado), mais a sociedade de consumidores é segura e próspera. Todavia, simultaneamente, mais amplo e mais profundo é o hiato entre os que desejam e os que podem satisfazer os seus desejos, ou entre os que foram seduzidos e passam a agir do modo como essa condição os leva a agir e os que foram seduzidos, mas se mostram impossibilitados de agir do modo como se espera agirem os seduzidos. A sedução do mercado é, simultaneamente, a grande igualadora e a grande divisora (Bauman, 1998, p. 55).

No que diz respeito ao neoliberalismo no Brasil, muitos representantes políticos levaram adiante as pautas do modelo econômico neoliberal, especialmente na década de 1990, nos governos Fernando Collor e Fernando Henrique Cardoso (Filgueiras, 2006). Esse fato levou a mudanças na organização do Estado para com a regulação da economia e, conseqüentemente, na garantia de direitos e políticas públicas para a população mais pobre.

Assim como o neoliberalismo atua na configuração de uma sociedade consumista, também atua no desmantelamento das garantias e direitos do trabalhador, inutilizando as defesas da população mais vulnerável e entregando ao capital financeiro um espaço livre de atuação.

Junto com o desemprego e como produto de uma ampla desregulação do mercado de trabalho – efetivada na prática pelas empresas e por diversos instrumentos jurídicos emanados dos sucessivos governos –, veio um processo generalizado de precarização das condições de trabalho – formas de contratação instáveis que contornam ou burlam a legislação trabalhista, prolongamento da jornada de trabalho, redução de rendimentos e demais benefícios, flexibilização de direitos trabalhistas e ampliação da informalidade – tudo isso, enfraquecendo e deslocando mais ainda a ação sindical para um comportamento defensivo (Filgueiras, 2006, p.188).

É notório que o movimento é sistêmico e atua nos diversos espaços da vida, seja o espaço da vida privada, seja o espaço da vida pública, criando as condições psíquicas, materiais, institucionais, políticas e econômicas para a sedimentação do ideal neoliberal e subordina o Estado ao capital financeiro.

O Estado brasileiro, nesse contexto, passou por mudanças significativas para que as condições de atuação do modelo econômico encontrassem campo fértil, mas que, por consequência, gerou (e ainda gera), incessantemente, o desemprego. Diante disso, Luiz Filgueiras tem o seguinte posicionamento:

Da mesma forma que as empresas, o Estado também se reestruturou, redefinindo-se enquanto expressão das disputas entre as diversas classes e frações de classe. O processo de desregulamentação – com a quebra dos monopólios estatais em vários setores da economia – juntamente com o processo de privatização das empresas públicas, reduziu bastante a presença do Estado nas atividades diretamente produtivas, fortalecendo grupos privados nacionais e estrangeiros – dando origem a oligopólios privados, redefinindo a força relativa dos diversos grupos econômicos e enfraquecendo grupos políticos regionais tradicionais; além de permitir demissões em massa e enfraquecer os sindicatos (Filgueiras, 2006, p. 194).

O cenário de desemprego no Brasil, ocasionado pelas políticas de ajuste econômico, é perceptível na obra *O Verão Tardio*, em passagens nas quais a fome, a miséria e a violência evidenciam um cenário de pobreza. Oséias, quando sai da casa de sua irmã e vai para o centro da cidade, percebe isso:

O ruído dos motores dos carros e motocicletas que entopem as ruas substituiu o zunido das centenas de bicicletas que enxameavam a cidade ao soar o apito das fábricas de tecido. A minha infância rescende a algodão, que chegava do Nordeste nas carrocerias lonadas das carretas e eram descarregadas por homens de músculos lustrosos que empilhavam os enormes fardos em montanhas brancas e nevadas. Famílias inteiras sobreviviam dos salários baixos das tecelagens, morando em casas geminadas na beira do rio Pomba, que todo verão espriava suas águas para além das margens, estragando os poucos móveis, umedecendo as paredes, adoecendo as crianças. Já quase não há fábricas de tecido, outros talvez sejam os endinheirados agora, mas as enchentes persistem. A cidade está feia, suja, fedendo a mijo. O lixo se espalha pelos meios-fios. Mendigos e camelôs disputam os passantes (Ruffato, 2019, p. 23).

Ele nota a degradação da cidade de Cataguases. Mesmo havendo emprego, a precarização de serviços básicos era uma realidade. A cidade, que outrora tinha indústrias, cedeu lugar à degradação e à pobreza, com mendigos e camelôs disputando o mesmo espaço.

Márcio Pochmann (2015) pontua duas datas específicas nas quais as mudanças na estrutura econômica atingiram o Brasil, causando desemprego. A primeira foi na crise da dívida externa entre 1981 e 1983 e, a segunda, na década de 1990, momento em que a economia nacional passa a integrar a globalização financeira:

Na crise da dívida externa, a opção pelo programa de ajuste exportador interrompeu o ciclo de expansão iniciado nos anos 1930 comandado pela industrialização do mercado interno. A recessão entre os anos 1981 e 1983 gerou desemprego urbano de grandes proporções, sem que os trabalhadores contassem com mecanismos de proteção social, como o seguro-desemprego, implantado somente em 1986. A saída da recessão, a partir de 1984, permitiu ao país reduzir a taxa de desemprego e mantê-la relativamente baixa até o final da década de 1980. Nos anos 1990, a adoção do programa neoliberal de ajuste econômico orientado pelo Consenso de Washington levou à explosão da taxa de desemprego no Brasil. Com a recessão entre 1990 e 1992, acrescida das medidas de abertura financeira, comercial, produtiva e trabalhista, a economia nacional conheceu trajetória de desemprego jamais vista até então (Pochmann, 2015, p. 15).

É possível concluir, portanto, que os efeitos da redução do Estado, das políticas públicas, da desregulamentação da economia para o capital financeiro estrangeiro, da manipulação das identidades voltadas ao consumo por meio de processos de subjetivação e dessubjetivação, são visíveis na obra. Diálogos entre personagens evidenciam a estrutura de seus valores, desejos e sentimentos, deixando claro o sofrimento, a degradação e a angústia de cada um, provocadas pelas políticas neoliberais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Oséias e sua família são fruto da sociedade contemporânea, na qual o sujeito, inserido em um contexto de consumo, não possui base institucional que possa lhe garantir bem-estar. Neste modelo, aqueles que conseguem participar do jogo são vistos como os vencedores, e os demais, ao contrário, são os estranhos à ordenação consumista. O que, no entanto, fica evidente, é que o controle exercido pelo Estado e pelas políticas neoliberais, por meio de ajuste econômico, faz com que o sujeito sofra, pois é desestabilizado por meio do ataque aos principais pilares de sua construção identitária e psíquica: a família, o trabalho e o estado de bem-estar social. Nessa ordem, as relações sociais são frágeis.

Assim, é possível afirmar que o liberalismo econômico afeta a vida das pessoas mais pobres, gerando desemprego, miséria e, conseqüentemente, o sofrimento psíquico. A classe ascendente, constituída pelos “novos ricos”, “que rejeitam qualquer coisa parecida com um Estado de Bem-Estar Social, do qual não se beneficiariam, pois ajudariam a financiá-lo com impostos, mas não fariam uso de seus serviços” (Boito, 2004 *apud* Filgueiras, 2006, p. 185), igualmente são atingidos pela gestão neoliberal da sociedade. Eles são incitados ao consumo excessivo e à conformidade a padrões de vida e de estética, o que também ocasiona quadros de sofrimento psíquico. No entanto, também, podem ser considerados responsáveis pelas duras transformações ocorridas na sociedade pós-moderna neoliberal.

Vale ressaltar que os teóricos aqui apresentados possuem uma visão particular da sociedade pós-moderna, diferindo não somente nos aspectos de nomeação dos fenômenos. O que se ressalta, entretanto, são suas convergências, por meio das quais é possível visualizar a sociedade figurativizada em *O Verão Tardio*, de maneira a perceber nuances tanto dos atores sociais quanto da sociedade brasileira como um todo.

As políticas neoliberais criam um estado natural das coisas, por vezes onipotente e onipresente, que atua no mais íntimo do sujeito, conferindo-lhe uma identidade volátil, despedaçada e transformada em um campo de atuação do consumismo. Portanto o neoliberalismo tem influência no sentido de produzir as condições materiais, sociais, institucionais, econômicas e psíquicas que dão cabo à fragmentação identitária, à dessubjetivação, à destruição do estado de bem-estar social, ao consumismo, aos dispositivos de controle social e ao sofrimento psíquico.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo?** Santa Catarina: Argos, 2009.

BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade.** Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade.** Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

FILGUEIRAS, L. **A história do Plano Real: fundamentos, impactos e contradições.** São Paulo: Boitempo, 2000.

FILGUEIRAS, L. O neoliberalismo no Brasil: estrutura, dinâmica e ajuste do modelo econômico. In: BUSUALDO, E. M.; ARCEO, E. (orgs.). **Neoliberalismo y sectores dominantes: tendencias globales y experiencias nacionales.** Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2006.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

HAN, B. **A Sociedade do Cansaço.** Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista (1848).** Porto Alegre: L&PM Editores, 2011.

POCHMANN, M. Ajuste econômico e desemprego recente no Brasil metropolitano. In: POCHMANN, M. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 29, n. 85, p. 7-19, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/hGXbMMGdxsPxjHWCj7LbRTv/?lang=pt>. Acesso em: 10 set. 2021.

RUFFATO, L. **O Verão Tardio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SAFLATE, V. **A economia é a continuação da psicologia por outros meios**: sofrimento psíquico e o neoliberalismo como economia moral. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

SILVA JUNIOR, N. da. **O Brasil da barbárie à desumanização neoliberal**: do “Pacto edípico, pacto social”, de Hélio Pellegrino, ao “E daí?” de Jair Bolsonaro. Belo Horizonte: Autêntica, 2020a.

SILVA JUNIOR, N. da. **O mal-estar no sofrimento e a necessidade de sua revisão pela psicanálise**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020b.

VALIM, R. **Estado de exceção**: a forma jurídica do Neoliberalismo. São Paulo: Contracorrente, 2017.